

As expressões das crianças sobre projeto de música na pandemia: um estudo inicial

GTE 10 – Educação musical na infância

Comunicação

Viviane Beineke

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

viviane.beineke@udesc.br

Gabriela Flor Visnadi

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) / Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

gabriela.flor@ufma.br

Cecília Marcon Pinheiro Machado

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

ceciliampma@gmail.com

Lucas Fontalva Oliveira

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

lucasfontalva13@gmail.com

Resumo: Com a suspensão das aulas presenciais nas escolas devido à pandemia de Covid-19, o Grupo de Estudos e Pesquisas Inventa Educação Musical mobilizou-se para elaborar, colaborativamente com professoras de música, projetos criativo-musicais para serem enviados às crianças nas escolas. A necessidade de compreender o envolvimento das crianças com os projetos de música motivou a realização de pesquisa que buscasse dialogar com elas, com o objetivo de compreender as perspectivas das crianças sobre os projetos de música enviados em 2020. Foi desenvolvido um questionário-piloto com perguntas em diversos formatos, além de opções para o envio de fotos, vídeos e áudios, buscando ampliar as possibilidades de expressão das crianças. O questionário focalizou um projeto sobre a cultura Mbya-Guarani e foi enviado para turmas do ensino fundamental de uma escola da rede pública do município de Florianópolis (SC). Nesta comunicação, foram analisadas as respostas de 27 crianças de 9 a 11 anos de idade. Apesar da limitação imposta pelo uso de questionários on-line, que atingem um número reduzido de crianças, a metodologia apontou potencial para construir possibilidades de diálogo e de escuta das crianças, reconhecendo seus modos de significar suas experiências musicais, interesses e ideias durante a pandemia, bem como apresentar contribuições para projetos futuros. Além de refletir sobre os projetos de música, as respostas das crianças mostram como elas se posicionam sobre problemas sociais, sua preocupação e empatia pelas dificuldades do presente, recomendando cuidado e desejando que a pandemia termine logo.

Palavras-chave: Música na educação. Pesquisa com crianças. Escola básica.

Introdução

A pandemia de Covid-19 trouxe desafios para diversos setores da sociedade, inclusive às escolas, que precisaram buscar alternativas para dar continuidade ao ano letivo, mesmo com o fechamento dessas instituições¹. De repente, foi preciso elaborar materiais em diferentes formatos e com diversas possibilidades de acesso. Tudo isso em conjuntura emergencial que evidenciou problemas de acesso à internet, dificuldade de manuseio nas plataformas digitais e falta de suporte a professores e estudantes.

Foi nesse cenário que o Grupo de Estudos e Pesquisas Inventa Educação Musical remodelou e ampliou suas ações² no início de 2020, incluindo espaços para pensar, elaborar, discutir e avaliar ideias e materiais pedagógicos musicais para serem utilizados nas escolas de educação básica durante o período de suspensão das aulas. O principal desafio era elaborar projetos criativo-musicais³ que pudessem ser enviados às crianças, visando promover um envolvimento significativo e criativo com a música, em casa. Assim, professoras participantes do grupo de pesquisa produziram colaborativamente projetos para suas turmas, envolvendo mais de dez escolas de Florianópolis e de outras cidades brasileiras. Em todas as escolas, constatou-se uma inconstância nas devolutivas das crianças, deixando evidentes os problemas de acesso a equipamentos adequados e à internet. O pequeno número de devolutivas e a falta de contato presencial ou síncrono com as crianças tornava difícil o entendimento sobre como elas estavam recebendo as propostas e quais sentidos estavam dando aos projetos.

Assim chegamos ao final de 2020: enviando materiais, recebendo devolutivas das crianças, esperando que a pandemia acabasse – mas não acabou. Com a proximidade do ano letivo de 2021, sentimos necessidade de entender como todo este processo estava sendo compreendido pelas crianças, para que pudéssemos desenvolver novos projetos de maneira acessível e significativa para elas. Para isso, encontramos em Hartmann (2020) uma referência de pesquisa realizada com o objetivo de conhecer as vivências e percepções de crianças

¹ Devido à pandemia de Covid-19 (OPAS; OMS, 2021), em março de 2020 as atividades escolares presenciais foram substituídas por aulas em meios digitais, enquanto durasse a situação pandêmica (BRASIL, 2020).

² Ações vinculadas à pesquisa “Práticas Criativas em Educação Musical: interfaces teóricas e metodológicas”, da qual participam professoras e professores da rede pública e privada de diversos estados do Brasil, mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Música (PPGMUS/UDESC) e três bolsistas de iniciação científica (PIBIC/CNPq) do curso de Licenciatura em Música da UDESC, sob coordenação da Prof.ª Dra. Viviane Beineke.

³ A expressão *projetos criativo-musicais* é utilizada para citar projetos de trabalho (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998) em educação musical, fundamentados na aprendizagem musical criativa (BEINEKE, 2021). De forma abreviada, neste texto é utilizada a expressão *projetos de música*.

durante o isolamento social decorrente da pandemia, por meio de questionário. Utilizando sua pesquisa como referência, elaboramos um questionário-piloto, buscando compreender as perspectivas das crianças sobre os projetos de música enviados em 2020, trabalho focalizado nesta comunicação.

Pesquisando com crianças na pandemia

A necessidade de compreender o envolvimento das crianças com os projetos de música nos instigou a refletir sobre como dialogar e fazer pesquisa com elas neste período de isolamento social. Sobre isso, Hartmann (2020) explica a importância de pensar *o que* e *como* perguntar às crianças. A autora elaborou questionários em colaboração com crianças e colegas pesquisadores, de modo intergeracional e interdisciplinar, considerando as crianças como partícipes e envolvendo-as na elaboração de novas perguntas. Segundo Hartmann (2020), elaborar perguntas para compreender e problematizar o mundo é parte de um exercício propositivo. Ela traz exemplos nos quais algumas perguntas foram problematizadas pelas crianças, mostrando que elas não reverberavam no universo infantil, pois se relacionavam às demandas e investigações do ponto de vista adultos – como, por exemplo, perguntas sobre marcadores sociais da diferença, como sexo e cor.

Silva, Luz e Carvalho (2021) realizaram pesquisa sobre a infância na pandemia na região metropolitana de Belo Horizonte, com a participação de 2.021 crianças de 33 municípios, também por meio de questionário on-line. Tal como Hartmann (2020), os pesquisadores relataram que o questionário possibilitou o diálogo com as crianças no contexto de distanciamento. O questionário foi enviado por meio de ambiente virtual e envolveu as crianças em sua elaboração, nos pré-testes, atendendo ao compromisso de ampliar as formas de participação das crianças nas investigações.

Os autores explicam que quiseram dar visibilidade às expressões e produções culturais das infâncias, o que envolveu um olhar analítico poético para as respostas que traziam as muitas linguagens das infâncias, envolvendo o brincar, o imaginar e o desenhar. Assim como em Hartmann (2020), as crianças foram incentivadas a enviar fotos, desenhos e áudios, tanto pelo questionário, como posteriormente, por meio de um *site* que serviu como forma de contato permanente e retorno da pesquisa às crianças. Silva, Luz e Carvalho (2021) trazem importantes proposições a partir do que as crianças contaram, demonstrando que elas

têm consciência sobre suas condições de vida, ainda que vivam a pandemia de forma diferente e desigual.

Uma pesquisa realizada na Espanha, *Infância confinada* (MUÑOZ; PASCUAL; CRESPO, 2020), contatou 425 crianças do meio urbano e rural do país, também por meio de questionários. Os autores elaboraram um questionário com 25 perguntas, envolvendo questões de múltipla escolha e questões abertas que perguntavam sobre as condições de vida das crianças, obtendo um mapeamento emocional dos efeitos do confinamento. Este questionário também previu espaço para as crianças sugerirem outras questões ou contarem algo que quisessem e não havia sido perguntado. Tal qual Silva, Luz e Carvalho (2021), os autores discutem as limitações do estudo por utilizar questionário on-line. Eles afirmam que uma parte da população infantil não foi contemplada porque as crianças com dificuldades econômicas, que não tiveram acesso ao questionário, não estão representadas.

Construindo o questionário

As pesquisas citadas acima motivaram e orientaram a elaboração de um questionário-piloto que buscou conhecer as perspectivas das crianças sobre os projetos de música enviados em 2020. Como havia passado muito tempo desde que os projetos foram enviados às crianças, não foi possível recuperar muitas informações, nem acessar grande parte das crianças que os receberam. Entretanto, consideramos válido elaborar e enviar o questionário para algumas turmas, para avaliarmos este recurso como possibilidade de diálogo com as crianças. Nossa intenção é que, futuramente, possamos utilizá-lo de forma mais consistente em nossas pesquisas – mesmo vislumbrando a volta das aulas presenciais.

O questionário que elaboramos, assim como proposto por Hartmann (2020), inclui perguntas que permitem diferentes possibilidades de resposta, como múltipla escolha e discursivas, além de opções para o envio de fotos, vídeos e áudios. O questionário foi elaborado na plataforma on-line Jotform⁴ e abarcou 44 perguntas, organizadas em diferentes eixos: dados de identificação; suas perspectivas sobre as aulas de música na pandemia; questões específicas sobre o projeto musical; o que a criança faria se fosse professora de música; e o que ela achou de participar da pesquisa. O formato do questionário e a formulação

⁴ Foi utilizada a versão gratuita do criador de formulários on-line Jotform, de fácil acesso em qualquer dispositivo (www.jotform.com/pt).

das perguntas também foram apresentados e discutidos com todo o grupo de pesquisa, que trouxe sugestões e ideias para ajustar a versão final do questionário.

É requisito para o acesso às perguntas do questionário o aceite de uma pessoa adulta para a participação na pesquisa, assim como a concordância da criança. Como no questionário de Silva, Luz e Carvalho (2021), a parte inicial contém informações sobre a pesquisa, vínculo institucional e objetivos, convidando-as a participar. Explica também que não há respostas certas ou erradas e que as crianças poderiam ficar à vontade para não responder alguma(s) das perguntas. Depois, foram pedidas informações gerais de identificação, como nome, idade, escola, além de um nome fictício, pelo qual a criança gostaria de ser identificada na pesquisa. A partir das reflexões de Hartmann (2020), também consideramos importante abrir um espaço para que a criança pudesse se descrever, apontando características suas que considera importantes.

Sobre as atividades de música, as questões buscaram conhecer como as crianças estavam acessando os projetos, quais episódios conseguiram acessar e o que mais gostaram. Além disso, elas puderam sugerir temáticas para projetos futuros, avaliar o questionário e propor perguntas que julgassem relevantes e que não haviam sido feitas. Finalizando, no último eixo, perguntamos o que fariam se fossem professoras de música e como imaginam as aulas de música depois que a pandemia terminar.

Cada projeto produzido em 2020 possui diferentes características em relação a objetivos, propostas e faixa etária, de modo que um único questionário não seria capaz de abranger as particularidades de todos os projetos. Assim, optamos por focalizar neste questionário-piloto o projeto *Mbyá-Guarani na escola*, que foi o último enviado às escolas em 2020. Nesta comunicação, analisamos as respostas de três turmas do ensino fundamental de uma escola. Apesar de não ser o foco desta comunicação, apresentaremos brevemente este projeto para contextualizar melhor o questionário e suas respostas.

O projeto *Mbya-Guarani na escola*

O projeto foi elaborado em formato de *podcast*, com cinco episódios que abordam a cultura indígena Mbya-Guarani⁵. O projeto foi desenvolvido com base no material pedagógico

⁵ A série foi produzida pelo Coletivo Inventa. O conjunto de *podcast* está disponível em: www.anchor.fm/inventa.

desenvolvido por Cláudia Tristão (2020)⁶, com o objetivo de contribuir para o trabalho com culturas indígenas na educação musical em escolas de educação básica não indígenas, reconhecendo a necessidade de incluir saberes ancestrais que vêm sendo historicamente marginalizados, inferiorizados e invisibilizados.

Para compor os projetos, Tristão (2020) compilou diversos materiais, envolvendo músicas, histórias, contos e brincadeiras, que foram tramados em torno de elementos significativos da cultura Guarani. Para os Mbya-Guarani, a música faz parte da vida e está entremeada em seus rituais, não é separável da dança e do seu modo de vida como um todo (TRISTÃO; BEINEKE, 2021). Portanto, abordar outros elementos da cultura Guarani se faz necessário para compreender sua música de forma contextualizada.

Com base nesse material didático, cada episódio do *podcast* abordou diferentes elementos da cultura indígena *Mbya-Guarani: Tekoa e Opy*, sobre o espaço de viver dos guarani e a casa de reza; *Mbaraka mirim*⁷, sobre este instrumento musical e sua importância na identidade guarani; *Bichinhos de madeira*, sobre os saberes e significados da produção de esculturas de animais; *Grafismos guarani*, sobre a arte e os significados dos grafismos; e *A escola e as palavras*, sobre a escola indígena, o rap indígena e palavras em guarani. Os *podcasts* contaram com as participações de Julinho de Oliveira (vice-cacique da comunidade Itaty e líder do Grupo de Canto e Dança da comunidade) e Natan Almeida Evaristo (professor da escola indígena Itaty), do território indígena Morro dos Cavalos, em Palhoça (SC). Os convidados explicam termos, costumes e significados, enriquecendo os episódios e aproximando os ouvintes de sua cultura.

O projeto foi elaborado de forma a envolver as crianças em práticas musicais variadas, dialogando com as informações e reflexões apresentadas nos episódios. Além de aproximá-las da cultura Mbya-Guarani, o projeto buscou envolver as crianças criativamente com a música em propostas acessíveis que pudessem ser realizadas em casa, como: compor cantos de proteção à natureza; construir um chocalho com materiais alternativos; cantar uma canção Mbya-Guarani; imaginar e descrever como seria viver no *tekoa* Itaty; e compor um rap com palavras em guarani apresentadas nos episódios.

⁶ O material pedagógico consistiu no trabalho de conclusão do curso de Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes/UDESC), orientado pela professora Viviane Beineke. A autora participa do grupo de pesquisa e é professora de música da rede municipal de Florianópolis.

⁷ *Mbaraka mirim*, um tipo de chocalho tradicional guarani.

As expressões das crianças sobre o projeto de música

Eu achei sinceramente muito legal, pois os povos indígenas são os primeiros brasileiros, teríamos que estudar mais sobre eles. (Pit)

Assim como muitas das ações pedagógicas desenvolvidas durante a pandemia, que passaram por desafios e (re)invenções, a utilização do questionário foi uma estratégia que encontramos para dialogar com as crianças em meio às incertezas trazidas no contexto pandêmico. O questionário-piloto foi enviado para aproximadamente 190 crianças em junho de 2021 e recebemos as respostas de 25 crianças, sendo 13 meninos e 12 meninas, entre 9 e 11 anos de idade. Elas estudavam entre o 3º e o 5º ano do ensino fundamental e todas tinham aula de música na escola antes de a pandemia começar. Quatorze responderam que precisaram de ajuda para responder às questões, três delas contaram que um adulto preencheu para elas e nove disseram que preencheram sozinhas. Dezenove crianças disseram que gostaram de participar da pesquisa, cinco responderam “mais ou menos”, uma achou cansativo e duas consideraram chato.

Sobre a identificação das crianças, percebemos que a invenção de nomes motivou a participação de todas. Elas usaram nomes de personagens favoritos, cantoras, jogos e apelidos dos mais diversos. Optamos por não inserir perguntas relacionadas a gênero e raça, mas deixamos um espaço para as crianças se descreverem como quisessem. Recebemos um leque de respostas abrangente, envolvendo características físicas, comportamentais, além de preferências pessoais em relação a brincadeiras, esportes e outras atividades, como nos mostram as respostas abaixo.

Eu gosto de brincar com minhas primas de escolinha [e] de pega-pega. (Kiki)
Eu sou tímido. (Pepè)
Eu uso óculos, meu cabelo é castanho e na ponta do meu cabelo é bem loiro, eu tenho olhos claros e castanhos. (Nana)
Sou tímida, mas com a música me sinto livre. (Vivi)
Sou magro, meio galego e tô crescendo rápido. (Enzo)

Os *podcasts* de música: “alegrou muito nossa pandemia” (Pit)

Com o objetivo de conhecer a maneira como as crianças estavam lidando com as atividades de música, incluímos questões de múltipla escolha, para termos um panorama de quantas crianças acessaram *podcasts*, atividades impressas ou projetos audiovisuais, e saber quais formatos elas consideraram mais adequados. Obtivemos respostas bastante variadas,

mostrando que grande parte das crianças que respondeu ao questionário teve acesso à maioria dos *podcasts* e demais atividades on-line, boa parte também teve acesso às atividades impressas, e uma pequena parte das crianças respondeu ter acessado somente algumas atividades. A mesma proporção se repetiu em relação às propostas práticas: a maioria das crianças fez e enviou muitas atividades para a professora.

Perguntamos às crianças sobre o modelo de projeto que mais gostaram de receber durante a pandemia: se preferiram atividades em formato de *podcast*, atividades com imagens e vídeos ou atividades impressas. A maioria das crianças respondeu que gostou de todas as atividades, porém não temos como avaliar se elas se lembram de toda a variedade de projetos enviados em 2020. Três crianças enviaram áudios avaliando positivamente as propostas em formato de *podcast*. Pit explicou que alegrou sua rotina durante a pandemia e facilitou no entendimento do projeto. Segundo ele, “[...] o lado bom de receber por *podcast* é que, se você não entendeu muito *bem*, você pode dar *replay* no *podcast*”.

As crianças e a cultura Mbya-Guarani: “estamos com vocês” (Naruto)

Eu gostei muito de aprender sobre a cultura do povo indígena Mbya-Guarani, admiro muito eles por como eles tratam a natureza. Eu gostei de saber que eles, por exemplo, pedem para a mãe natureza licença antes de entrar na mata. (Pit)

Uma parte do questionário focalizou os episódios do projeto *Mbya-Guarani na escola*. Inserimos perguntas relacionadas a alguns dos elementos abordados nos episódios, como o grafismo e as pinturas corporais, que trazem significados distintos de acordo com seus desenhos e formas. Perguntamos às crianças se gostariam de inventar um tipo de grafismo e qual seria seu significado. Esta foi uma das questões discursivas em que várias crianças se manifestaram, sugerindo grafismos com significados como saúde, cura, paz, força e amor.

Saúde. Porque é o mais importante, todos devemos ter boa saúde. (Kiki)

Paz – para levar a paz para todos os cantos do planeta. (Pepè)

No braço – força. (Rafinha Gamer)

Amor, o mundo está precisando de amor. (Enzo)

Seria lobo – lobo significa força. (Jean)

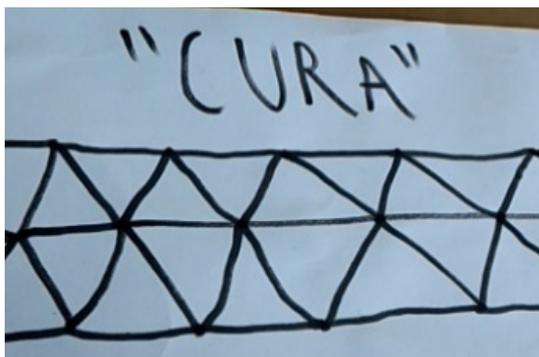
O significado do meu grafismo seria “cura”. (Pit)

Eu iria pintar vida longa com cores fortes. (Vivi)

Borboleta, porque eu gosto de ver elas saindo do casulo, isso me lembra liberdade. (Malu)

Duas crianças também enviaram seus grafismos, apresentados abaixo.

Figura 1: Grafismo de Pit



Fonte: Questionário-piloto Mbyá-Guarani na escola

Figura 2: Grafismo de Luna



Fonte: Questionário-piloto Mbyá-Guarani na escola

Rodas de música, brincadeiras indígenas e volta às aulas: imaginando mais um episódio

Eu faria um *podcast* sobre a importância do respeito entre os povos e culturas do Brasil. (Pit)

E se as crianças pudessem criar mais um episódio para o projeto, como seria? Pensando nessa possibilidade, inserimos um espaço para as crianças apresentarem suas ideias. Esta foi uma maneira que encontramos para conhecermos um pouco mais seus interesses, suas ideias e se elas consideram que alguma temática não foi contemplada nos episódios. Esta pergunta discursiva motivou muitas crianças a responderem, com sugestões bastante variadas:

Sobre como eles se alimentam na floresta. (Kiki)

Sobre a nomeação do cacique. (Rayquaza)

Como os índios brincam. (Cris)

Eu falava um pouco mais de índio e cantava as músicas deles. (Mel)

Episódio: professoras da aldeia. (Teteu)

Conhecendo mais sobre a língua do povo Mbya-Guarani. (Pit)

Eu iria fazer um episódio “volta às aulas”. (Jean)
As pessoas com grafismos e muitas rodas de música. (Luna)

Duas crianças enviaram a resposta em áudio. Vivi disse que faria um episódio sobre os indígenas e as cores das pinturas corporais, e Pit não mencionou especificamente suas ideias para um novo episódio, mas explicou que se sentiu honrado em ter conhecido pessoalmente o cacique do povo Mbya-Guarani em atividade escolar antes da pandemia.

A temática indígena na escola: revendo preconceitos

Indagamos às crianças o que acharam de ter estudado sobre a cultura de um povo indígena. A maioria das crianças respondeu positivamente, dizendo que gostaram e que consideraram o tema muito interessante. Luna e Enzo mencionaram que possuem avó e bisavó indígenas e que por isso já conheciam um pouco sobre esta cultura. Rafinha Gamer explicou que achou “bem legal conhecer as músicas e a cultura do nosso povo ancestral, que vive tão próximo de nós”.

A terra indígena Morro dos Cavalos localiza-se na Grande Florianópolis, mas, apesar da proximidade física, o contato entre as culturas não é habitual para as crianças, como podemos perceber em outra resposta do questionário: “diferente, porque não é todo mundo que gosta dos indígenas” (Mila). Nesta região existem conflitos entre indígenas e não indígenas, especialmente relacionados ao território. A falta de conhecimento sobre suas culturas contribui para o aumento de preconceitos, acarretando conflitos e violências diversas e comprometendo o direito a viver de acordo com seus próprios princípios, valores, crenças e organização social. Por isso, consideramos importante inserir temáticas e discussões que contribuam para uma educação musical que aborde criticamente as culturas historicamente negligenciadas dos currículos e programas escolares.

Imaginando diálogos entre crianças não indígenas e indígenas

Eu iria falar sobre como eu vivo. (Rafinha Gamer)

Além de pensar em um episódio para dar continuidade ao projeto, perguntamos o que elas abordariam se pudessem fazer um *podcast* destinado às crianças indígenas. Muitas crianças trouxeram propostas com temas bastante distintos. Algumas mencionaram o respeito entre os povos e a importância de conhecer outras culturas, outras trouxeram

temáticas relacionadas à natureza, algumas responderam que gostariam de contar sobre como elas vivem, além de temas como “música eletrônica” e “brincadeiras novas”.

Além de sugerir ideias para o *podcast*, as crianças poderiam enviar mensagens para o povo Mbya-Guarani, se desejassem. Obtivemos muitas respostas com mensagens de agradecimento, carinho e admiração. Muitas crianças mencionaram a Covid-19, pedindo para eles se cuidarem e se protegerem da doença.

Continuem sendo essas pessoas boas que vocês são. (Malu)
Que eles se aceitem e tenham orgulho da cultura deles. (Luna)
Eu espero que eles estejam bem e que tudo isso passe logo. Espero poder visitá-los com a minha turma e minha professora. (Pit)
Que todos nós agradecemos pelos ensinamentos, jogos e brincadeiras que nos ensinaram. (Mila)
Gostaria de conhecer vocês pessoalmente. (Cris).
Muita admiração da cultura de vocês. (Teteu)
Estamos com vocês. (Naruto)

As aulas de música das crianças-professoras

Com muita música e alegria. (Enzo)

E se as crianças fossem as professoras, como seriam as suas aulas de música na pandemia? Como podem contribuir com ideias que nos ajudem a rever nosso trabalho, considerando seus anseios e necessidades? Perguntamos se as crianças gostariam de ser professoras de música por um dia e abrimos espaço para elas apresentarem ideias para aulas de música. Treze crianças responderam que gostariam de ser professoras de música por um dia, dez disseram que não sabiam e quatro responderam que não gostariam. Onze crianças disseram que fariam aulas on-line, mencionando videochamadas e Google Meet. Nove crianças responderam que fariam práticas musicais, como canto, performance em instrumentos e/ou apreciação musical. Sofy/Ana disse que “as crianças iriam cantar e os pais iriam fazer os sons”.

Sobre as aulas de música após a pandemia, foi unânime o desejo de estar com outras pessoas – colegas, professora – e fazer música juntos. Muitas crianças responderam que gostariam que as aulas fossem “como eram antes” (Rafinha Gamer), “na escola” (Sofy/Ana), “juntos com todos da turma” (Naruto), “ao vivo, com vários instrumentos” (Pepè), “e quem sabe tocar ou levar os parentes que tocam pra gente ver” (Kiki). Pit disse que “gostaria muito de aulas em conjunto na minha escola e na escola do povo Mbya-Guarani com todos juntos”.

Notas sem fim

Todos vamos poder nos abraçar e não usar mais máscaras. (Sofy/Ana)

Nesta comunicação, apresentamos uma análise preliminar do questionário-piloto enviado com o objetivo de acessar as perspectivas de crianças de escolas básicas de Florianópolis sobre um dos projetos de música produzidos e enviados em 2020 pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Inventiva Educação Musical. Assim como na pesquisa relatada por Silva, Luz e Carvalho (2021), sabemos que os dados coletados não contemplam a realidade de todas as crianças, pois a participação depende do acesso a dispositivos eletrônicos e à internet.

Apesar desses limites, reconhecemos a importância dessa metodologia para acessar as ideias das crianças, construindo tentativas de diálogo e de escuta, reconhecendo seus modos de significar suas experiências musicais durante a pandemia. Os resultados nos trouxeram informações relevantes sobre como estas crianças acessaram os projetos, o que pensam sobre as práticas musicais feitas em casa, suas ideias para novos projetos e como vislumbram a volta às aulas presenciais. Percebemos que, por meio de questionários, podemos nos aproximar das crianças apesar do distanciamento social, com a possibilidade de considerar suas ideias em futuros planejamentos e também de torná-las coparticipantes em pesquisas.

No contexto de aulas presenciais, o questionário também pode ser um recurso conectado com projetos trabalhados em sala de aula, ampliando os espaços de diálogo com as crianças, valorizando os seus pontos de vista, provocando reflexões sobre diferentes temáticas e possibilitando outros meios para expressarem suas ideias e interesses, inclusive participando da construção dos questionários, como sugere Hartmann (2020). Tortajada *et al.* (2021) indicam que potencializar a implicação das infâncias nos temas que afetam as crianças faz com que elas possam exercer e construir sua cidadania ativa, como protagonistas dos avanços no conhecimento de sua participação social e política.

Em relação aos formatos das perguntas, percebemos que é importante oferecer a possibilidade de enviar áudios, vídeos e imagens, pois essas formas de expressão parecem aproximar as crianças da pesquisa, dar mais visibilidade aos seus pontos de vista e ampliar a participação, proporcionando uma relação mais qualitativa com o questionário. As perguntas de múltipla escolha foram importantes para fornecer um panorama sobre questões mais pontuais, como o acesso à internet e aos projetos de música. Os espaços dissertativos

trouxeram aspectos mais subjetivos sobre a relação das crianças com as aulas de música e com o projeto *Mbya-Guarani na escola*. Elas demonstraram que compreendem a música de forma contextualizada com sua cultura de produção, abrangendo o seu entendimento como prática social.

Além de refletir sobre os projetos de música, as respostas das crianças mostram como elas estão refletindo sobre a pandemia e como se posicionam sobre problemas sociais, como as relações de pessoas brancas com populações indígenas. Revelam, também, sua preocupação e empatia pelas dificuldades do presente, recomendando cuidado e desejando que a pandemia termine logo. Percebemos que elas refletem criticamente sobre as propostas de música que receberam, relacionando esses conteúdos com o seu cotidiano e projetando essas ideias como modo de ser e viver.

Agradecemos às crianças que participaram do questionário: Alemão, Biscoitinho, Cris, Enzo, Escuridão, Hermione, Jean, Joa, Jpzito, Kiki, Ligeirinho, Luna, Malu, Meia noite, Mel, Mila, Nana, Naruto, Pepè, Pit, Rafinha Gamer, Rayquaza, Sofy/Ana, Teteu e Vivi. Vocês possibilitaram a realização deste trabalho!

Referências

BEINEKE, Viviane. Aprendizagem musical criativa em tempos de pandemia: (re)compondo perspectivas e (im)possibilidades. *Orfeu*, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 30-47, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/20180>.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. *Diário Oficial da União*: Seção 1, Brasília, DF, ed. 53, p. 39, 18 mar. 2020. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 01 ago. 2021.

HARTMANN, Luciana. Como fazer pesquisa com crianças em tempos de pandemia? Perguntemos a elas. *Revista Nupeart*, v. 24, p. 29-52, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/18827/12553>.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*: o conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MUÑOZ, Marta Martínez; PASCUAL, Iván Rodríguez; CRESPO, Gabriela Velásquez. *Infancia Confinada* ¿Cómo viven la situación de confinamiento niñas, niños y adolescentes? Nota de prensa y resumen ejecutivo. Disponível em:

<https://infanciaconfinada.com/wp-content/uploads/2020/05/Infancia-Confinada-NdP-y-Resumen-Ejecutivo-2-01-05-2020.pdf>

OPAS; OMS BRASIL. *Folha informativa sobre COVID-19*. Brasília: OPAS; OMS Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 1 ago. 2021.

SILVA, Isabel de O.; LUZ, Iza R. da; CARVALHO, Levindo D. *Infância e pandemia na região metropolitana de Belo Horizonte*: primeiras análises. Belo Horizonte: UFMG/FaE/NEPEI, 2021. Disponível em: <https://www.infanciaemtemposdepandemia.com.br/relatorio-primeiras-analises/>.

TORTAJADA, Marta B. E.; TORRES, Ferran C.; CÁMARA, Ana Maria N.; PUIG, Marta S. Aportes reflexivos para la investigación con las infancias. Corresponsabilidad en el avance de su participación. *Sociedad e Infancias*, v. 5, número especial, p. 21- 33, 2021. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/SOCI/article/view/71444/4564456555725>.

TRISTÃO, Cláudia R. Y. *Vozes Mbya-Guarani na Escola*: entre tramas e trilhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Profissional em Artes) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://www.udesc.br/ceart/inventa/publicacoes/didatico>.

TRISTÃO, Cláudia R. Y.; BEINEKE, Viviane. Vozes Mbya-Guarani em escolas não indígenas: entre trilhas e tramas na produção de um material didático. *In*: CONFERÊNCIA LATINO-AMERICANA DA ISME (INTERNATIONAL SOCIETY FOR MUSIC EDUCATION), 13., 2021, Cancun. *Actas* [...]. Cancun: ISME, 2021. p. 1-9.